

A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICO-CIENTÍFICAS PELO VIÉS DA TRANSDISCIPLINARIDADE

THE EVALUATION OF LEARNING: A REFLECTIVE ANALYSIS ON PEDAGOGICAL-SCIENTIFIC PRACTICES THROUGH TRANSDISCIPLINARITY

Vinícius Fagundes dos Santos¹

Marcos Vinícius Guimarães de Paula²

Resumo: Este artigo busca apresentar os pressupostos teóricos, históricos e etimológicos das múltiplas faces do processo avaliativo e suas ferramentas metodológicas, pela perspectiva da transdisciplinaridade, trazendo de forma clara e específica o pensar científico de autores desta temática, abrangendo educadores e acadêmicos dos cursos de formação de professores e demais licenciaturas. Tem objetivo buscar nortear o pensamento científico no que tange à avaliação na perspectiva da transdisciplinaridade. Promover apontamentos sobre a utilização dos métodos avaliativos como instrumentos para o desenvolvimento do processo de ensino- aprendizagem, almejando aperfeiçoar a construção do ato cognitivo e reflexivo do aluno em uma visão transdisciplinar. É fundamental compreender o aprendente como um ser transdisciplinar. Para tanto, sobre a avaliação da aprendizagem serão utilizados autores como Demo (1996 – 2002), Depresbiteris (1989), Luckesi (2010), Hoffmann (2001 – 2005) com apontamentos e pareceres de Haydt (2003) e Ferrari (2006) e sobre a transdisciplinaridade serão abordados Suanno (2019), Sant’ana (2019), Sabota (2019), Moraes (2015), Navas (2015) e para complementação e apontamentos, Moran (2000), Masetto (2000) e Behrens (2000).

Palavras-chave: Avaliação. Transdisciplinaridade. Aprendizagem.

Teorias Gerais da Avaliação: Explicação Etimológica, Utilização Enquanto Ferramenta Metodológica Transdisciplinar

O ato de avaliar é um processo muito antigo, com suas raízes desde os primeiros homens que habitaram a terra. O processo de *avaliar* acompanha a vida do homem em seu cotidiano,

¹ Licenciado em Normal Superior, Pedagogia e Letras; Especialização em Docência no Ensino Superior e Psicopedagogia Clínica. Docente da Rede Pública Municipal de São Luís de Montes Belos, Goiás. Gestor Regional de Cursos de Complementação Pedagógica, integrante do GEFOP - Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade.

² Doutorando em Educação – Universidade de Brasília/UnB. Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias – Universidade Estadual de Goiás/UEG. Especialista em Mídias na Educação – Universidade Federal de Goiás/UFG. Graduado em Educação Física pela ESEFFEGO/UEG. Professor de Educação Física na rede municipal de ensino de Anápolis-Go.

estando presente tanto no contexto social, quanto pessoal, formando e reformando pensamentos, ações, práticas, conceitos e paradigmas. Servindo-se do ato de avaliar não necessariamente ligado à educação, o homem vem transformando seu cotidiano desde as ações mais simples às mais complexas e variadas possíveis. Tudo aquilo que o ser humano sente algum apego ou apreço é considerado algo de valor. A dicotomia entre valor e valorização é bem visível em nossa sociedade e também nas Instituições de Ensino Superior atualmente.

Em todo o tempo, o homem em sua natureza humana e muitas vezes taxativa e/ou preconceituosa, busca desenvolver conceitos e técnicas de como avaliar algo ou alguém se baseando, muitas vezes, em teorias próprias e egocêntricas, suprimindo valores que são de suma importância no ato de avaliar. A humanidade traz consigo parte desse processo subconscientemente internalizada, fazendo uso desses paradigmas, inúmeras vezes prejudiciais sendo assim, visões unilaterais, isto é, valores de avaliação pessoais que não são pautados em nenhum método científico ou pedagógico.

Segundo o dicionário Aurélio, “avaliar significa: determinar a valia ou o valor de; apreciar ou estimar o merecimento de; determinar a valia ou o valor, o preço, o merecimento, calcular, estimar; fazer a apreciação; ajuizar.” (2002, p. 77).

Enquanto concepção teórica, Moraes (2015) aponta a transdisciplinaridade como uma perspectiva que considera o que está entre, através e além das disciplinas: o ser humano em sua multidimensionalidade. Para tanto, a avaliação necessita deste olhar multifacetado para um ser tão complexo, dotado de saberes múltiplos e vivências tão significativas.

Já Suanno (2013) advoga que a transdisciplinaridade busca a abertura das disciplinas àquilo que as atravessa e as ultrapassa, neste sentido, propõe as escolas, que com rigor, abertura e tolerância, busquem religar os conhecimentos, articulado as emoções e as atitudes. E assim, favorecer a ampliação da percepção da realidade e oportunizar a ampliação da consciência.

As primeiras ideias de avaliação, desde o início de sua contextualização histórica, não têm tantas concepções técnicas e teóricas como se percebe nos dias atuais. Buscando as origens da palavra avaliação, verifica-se que no sentido literal da palavra, o termo *avaliar* tem seu sentido no latim, vindo da composição *a-valere*³ que segundo Luckesi (1994):

O termo avaliar também tem sua origem no latim, provindo da composição *a-valere*, que quer dizer ‘dar valor a [...]’. Porém, o conceito avaliação é formulado a partir das determinações da conduta de atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou

³ Julgar, medir, apreciar

curso de ação, que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado (LUCKESI, 1994, p.92).

O uso da avaliação era restrito à prática educacional, uma vez que esta nomenclatura não era utilizada no processo pedagógico no início da educação pré-moderna na Europa. Para tudo na vida, desde a antiguidade, o homem viveu e vive em um constante avaliação e reavaliação de seus atos, das ações do outro, trabalhos realizados ou a realizar, ideias, conceitos, teorias, técnicas, enfim, em todo o tempo o homem avalia, julga, mede e tira conclusões, elaborando assim, conceitos inúmeros que servirão para fins específicos.

Analisando etimologicamente as palavras ligadas ao ato de avaliar, notamos que, mesmo sendo palavras com peso semântico similar, é de suma importância que haja uma separação sistemática desses conceitos. Apesar da utilização, muitas vezes contraditória, dessa ferramenta pedagógica, avaliar vai muito além de testar, medir, julgar.

Refletindo um pouco na história antiga, Depresbiteris (2005) apresenta a utilização dessa ferramenta na China antiga. Nesse contexto, a avaliação não passava de uma simples análise de mensuração de valores. A autora em suas pesquisas afirma que

O uso da avaliação como medida vem de longa data (...) tem-se o relato de Kuo sobre a presença de exames, já em 2205 a.C. Nessa época, o Grande *Shun*, imperador chinês, examinava seus oficiais a cada três anos, com o fim de os promover ou demitir. O regime competitivo nos exames na China antiga tinha, então, como propósito principal prover o Estado com homens capacitados. (...) no século XIX, nos Estados Unidos da América, Horace Mann criou um sistema de testagem, sendo um dos pioneiros nessa área. Uma controvérsia entre Mann e os comitês das escolas americanas sobre a qualidade da educação fez com que ele propusesse a experimentação de um sistema uniforme de exames, em uma amostra selecionada de estudantes das escolas públicas de Boston. (DEPRESBITERIS, 2005, p. 05)

Para tanto, inicia-se alguns questionamentos e concepções sobre o ato de avaliar. Nota-se que esse processo (avaliar), tinha uma função restrita de medição, isto é, conotando uma ideia mensuradora ou medidora de valores pessoais em comparação aos padrões pré-estabelecidos pelo imperador Shun.

Neste contexto o ato de *medir* pode ser caracterizado como: estender, isto é, dar extensão física ou ilusória a algo ou a alguma coisa; distinguir determinada quantidade de algo, tendo como base um sistema convencional de medição como: quilo, litro, metro, unidade de tempo (horas, minutos, segundos, dias, semanas, meses, anos, séculos...); dar um aspecto quantitativo e não qualitativo de determinado objeto ou coisa; adequar-se a algo; determinar capacidade de alguma coisa ou de um determinado objeto. Tem-se também uma “linha tênue” que divide a

avaliação do processo de teste. Observemos algumas características desse processo.

Segundo Raydt (2003) “testar significa submeter a um teste ou experiência, isto é, consiste em verificar o desempenho de alguém ou alguma coisa (um material, uma máquina etc.), através de situações previamente organizadas, chamadas testes”. (RAYDT, 2003, p. 9). Testar nada mais é que um ato de se promover, à priori, uma série de questões e objetivos a serem alcançados, com o intuito de examinar ou verificar, observando se o objeto de estudo que está passando por algum processo, tem mesmo validade ou capacidade de ser promovido ou não. A iniciativa da utilização do termo *avaliar* vem justamente e estritamente deste processo verificação para promoção.

Nos dias atuais, essa ferramenta tão dinâmica e holística tem passado por tantas discussões nos centros de estudos e nos cursos de formação de professores que a reflexão sobre esses aspectos é significativamente relevantes. O ato de avaliar utiliza de ferramentas, muitas vezes, não mensuráveis. Como avaliar um pensamento? Quais parâmetros podem ser utilizados para avaliar comportamentos? O educador em sua formação recebe inúmeros conceitos do que é avaliação, seus processos, como se dá a análise e verificação dos dados recolhidos, mas quando de para com a realidade da sala de aula, muitas vezes esses estudos e conceitos pré-estabelecidos caem por terra. Quais parâmetros tomar?

É necessário ter um olhar transdisciplinar nos momentos avaliativos, uma vez que não se pode desfragmentar um ser tão complexo como o homem. Ele o é ser social, educativo, cognitivo, político e acima de tudo humano, dotado de saberes múltiplos, vivências e marcas que perpetuarão por sua vida. Para tanto, necessitamos de uma educação transdisciplinar nutrida por novas visões conceituais capazes de promover em um pensamento que não mais fragmente, reduza ou dissocie a realidade sem o indivíduo envolvido no processo educativo-formativo. (MORAES; NAVAS, 2015)

Para Luckesi (2005) a avaliação, diferentemente da verificação (teste), envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer *ante* ou *com* ele. A verificação é uma ação que ‘congela’ o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação. A avaliação é um processo hologramático e em pleno movimento, uma vez que “a própria ideia hologramática está ligada à ideia recursiva, que está ligada, em parte, à ideia dialógica” (MORIN, 2005, p. 74-75). Já a verificação ou teste, é um processo estagnado, uma simbologia de resultados parciais sobre determinado indivíduo.

A verificação não dá ao educador as ferramentas e as possibilidades de intervenção, pois

se resume em uma simples análise e um resultado congelado e inerte. Não olha de maneira transdisciplinar. Não avalia para transcender as paredes físicas das salas de aula, observando tudo o que foi produzido fora do ambiente de sala ou os conceitos pré-organizados deste indivíduo. Já a avaliação como ferramenta didático-pedagógica que tem uma perspectiva transdisciplinar dá essa oportunidade de intervenção antes, durante e após o processo de verificação da aprendizagem, pois ela é holística e dinâmica, isto é, está em pleno desenvolvimento, autorreflexão, observação do conhecimento científico e não somente dos saberes absorvidos das matrizes curriculares.

A Avaliação Pela Via Transdisciplinar: *Feedback* e Suporte Pedagógico

As inúmeras formas de utilização da avaliação como ferramenta pedagógica tem sofrido intensas transformações na prática e na legislação, para que o educador, em sua carreira docente possa ao invés de somente examinar e quantificar os educandos, formar um caráter crítico e emancipatório e transdisciplinar, no que tange ao desenvolvimento de técnicas múltiplas de aprendizagem e ao desenvolvimento do pensar científico.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no capítulo II, art. 24, 5º parágrafo nos aponta como deve ser a Avaliação:

5º - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; (LDB 9394/96).

Na atual Resolução do CEE – Conselho Estadual de Educação n. 23, de 15 de março de 2005 (Resolução 194/05), assume a Avaliação com objetivos e características distintas:

Art. 2º A avaliação de que trata o artigo 1º tem por objetivo contribuir para o pleno desenvolvimento do aluno, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, consoante preceituam os artigos 205, da Constituição Federal, 2º, da Lei N. 9.394/96 e 2º, da Lei Complementar Estadual N. 26/98.

Art. 4º O processo de avaliação da aprendizagem escolar deve considerar, cotidianamente, a efetiva presença e a participação do aluno nas atividades escolares, sua comunicação com os colegas, com os professores e com os agentes educativos, sua sociabilidade, sua capacidade de tomar iniciativa, de criar e de apropriar-se dos conteúdos disciplinares inerentes à sua idade e série, visando à aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento das habilidades de ler, escrever e interpretar, de

atitudes e de valores indispensáveis ao pleno exercício da cidadania. (Atual LDB, Resolução 194/05)

Sob esse prisma, corrobora-se que avaliar pode ser comparado ao ato de ajustar o relacionamento entre professor e aluno no processo do desenvolvimento da aprendizagem; um momento de crescimento entre ambas essas partes, no qual o docente fará um retrospecto do educando, não somente para impor ou aferir quantidade e/ou classificação, mas com o puro intuito de diagnosticar o desempenho ou a falta do mesmo, no processo do desenvolvimento da aprendizagem, tornando-se assim um mediador do conhecimento. Sobre esse processo Demo (2002) afirma:

[...] o problema crucial é saber fazer o aluno aprender. Faz parte central deste posicionamento, avaliar para saber dos problemas, e sabendo dos problemas, saber intervir em favor da recuperação do aluno. Não segui daí que consigamos salvar a todos, mas que, dentro do espaço e do âmbito escolar, é obrigação do professor e do pedagogo evitar, por todos os modos, o fracasso do aluno. Todavia, evitar o fracasso não é, nunca, escamoteá-lo. (DEMO, 2002, p. 45)

É função primordial do docente conhecer as necessidades de seus alunos, esteja ele em que nível de ensino for – Educação Infantil, Fundamental, Médio ou Superior – e não encobrir com subterfúgios, deixando-o enganado sobre aquilo que sabe ou pensa saber, porém tudo o que é alcançado que não pertence às “paredes” da escola e tudo o que transcende a institucionalidade curricular, deve ser observado de maneira significativa, uma vez que “o olhar transdisciplinar é uma nova maneira de pensar, de sentir, de perceber a realidade e interagir que se projeta na vida pessoal, profissional e social.” (SUANNO, 2013)

Pode-se refletir que o ato de avaliar faz com que o educador passe por um processo cíclico de auto avaliação, objetivando mudanças em suas estratégias e técnicas didático pedagógicas, trazendo à tona as dificuldades para poder saná-las e sempre observando em que medidas os conhecimentos estão sendo realmente absorvidos e assimilados e até que ponto sua *práxis* está sendo eficaz, podendo alcançar a transdisciplinaridade. Esse *transcender as paredes da escola* é agir de forma prática diante daquilo que foi ministrado de maneira sistemática. É colocar à prova, de forma prática e viva, o que os conceitos teóricos apresentados em ambientes escolares proporcionaram ao educando, uma vez que “a transdisciplinaridade tem por desafio promover a reforma do pensamento e favorecer a metamorfose da organização social”, alterando de maneira satisfatória a vida do próprio aprendente e a vida daqueles ao seu redor. (SUANNO, 2013).

Desse modo, a avaliação pensada pela via da transdisciplinaridade nos ajuda a respeitar os tempos diversos de aprendizagem de cada educando, resistindo à toda proposta de avaliação padronizadora acrítica que desrespeita a individualidade de cada ser aprendiz. Ademais, coopera para acolher todo educando que está com dificuldades nos processos de construção do conhecimento, ajudando-os a superar os limites e as barreiras encontrados.

Luckesi (2010) contribui afirmando que a avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. A definição mais comum adequada, encontrada nos manuais, estipula que a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão.

O processo avaliativo, precisa retratar o *status* do educando no que diz respeito ao seu processo individual de aprendizagem. É necessário compreender que o homem é um ser multifacetado e como tal é preciso ser avaliado de forma global. Nesta perspectiva é possível compreender o homem na sua complexidade. Para Morin (2007) a coerência do pensamento complexo contém a diversidade e também permite compreendê-la, sendo assim, o homem deve ser compreendido como um ser que complexifica ainda mais suas relações diante daquilo que aprende e ainda mais daquilo que é avaliado enquanto aprende.

O ato avaliativo pode sim, ser um momento de prazer e não de pressão. Ser um momento que propicie a autoconsciência, tanto do aluno quanto do docente, aumentando a percepção dos papéis de cada um – aluno e professor. É possível transformar uma parte das aulas em processos contínuos de informação, comunicação e pesquisa, equilibrando o conhecimento individual e o grupal, entre o professor- coordenador- facilitador e os alunos, participantes ativos valendo-se de métodos criativos de avaliação e ressignificação da aprendizagem, para alcançar uma prática transdisciplinar (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2013).

O professor tem o papel de motivar o educando para o crescimento em âmbitos globais, sendo o auxílio necessário e não um empecilho para o desenvolvimento da aprendizagem individual. Deve ser um pilar para a transdisciplinaridade, para a promoção do pensamento científico, para o “*transcender*” os ambientes sistemáticos de aprendizagem, partindo para um pensar complexo e repleto de significados.

O ato de avaliar também requer ética. Requer a aceitação de outros pontos de vista que não sejam somente os do professor. Requer a compreensão de que o aluno está

permanente construído suas concepções, ideologias, suas convicções e tem direito a isso. Para Morin (2007), emerge uma ética do cuidado que enfraquece o superego e abraça o outro, não tratando-o como objeto. Nesse sentido, o educando não é um objeto de seus professores e a avaliação precisa contemplar a dimensão do cuidado, possibilitando reflexões da parte do professor a respeito de outros caminhos metodológicos que cooperem para que os educandos aprendam aquilo que ainda não conseguiram. Destarte, defende-se nesse texto que a avaliação seja compreendida pela lente acolhedora, sensível, humana e ética da transdisciplinaridade.

É por meio dessa construção que o conhecimento científico se torna algo material, compartilhável, concreto e transdisciplinar. A escola deve valorizar a formação do educando em perspectiva multidimensional (cognitivo, emocional, corporal, relacional, espiritual; a valorização de princípios ecológicos e ações sustentáveis). (SUANNO, 2013).

Qual Deve Ser o Papel do Docente Neste Processo para Torná-lo Transdisciplinar?

O docente deve estar ciente de que cada indivíduo é um ser único e pensante, capaz de produzir conhecimento e compartilhá-lo e que a escola deve promover a aprendizagem e o desenvolvimento humano visando à formação integral do educando; a ampliação da consciência e do nível de percepção da realidade; a articulação e religação saberes a fim de pensar complexo (MORIN, 2000).

É bom salientar que o uso de uma linguagem clara e objetiva em todos os momentos e respeitando os valores étnicos, filosóficos, ideológicos e sociais de todos os educandos são de suma importância para seu desenvolvimento, pois o educador deve ser um construtor de técnicas e meios de aprendizagem, facilitando assim o processo de ensino e aprendizagem.

Os momentos das atividades avaliativas, que servirão como ferramentas do processo avaliativo, são muito particulares do educando, em que o mesmo estará desenvolvendo suas múltiplas formas de aprendizagem e construindo a si mesmo. O educador, em sua total ciência, deve aprender a respeitar as respostas e até mesmo os erros dos alunos e acadêmicos, baseando-se no cotidiano em que esse educando vive, sendo necessário que os instrumentos de avaliação dos conteúdos sejam pensados e repensados com o objetivo central de gerar o conhecimento científico, meio pelo qual o indivíduo será embasado em sua vida profissional e como um ser ativo na sociedade.

A respeito do erro, é preciso desconstruir a ideia de que o mesmo é algo sempre negativo, que não pode ocorrer nos processos formativos escolares. Recorreremos à Morin (2000) para perceber que o erro, tantas vezes desvalorizado na ciência positivista e na escola, é fundamental nos processos científicos e educacionais. A avaliação sob o prisma da transdisciplinaridade vê no erro possibilidades outras de aprendizagens e de avanços.

Ora, a construção dos saberes é repleta de inquietações, reformulações, acertos e erros. Morin (2000) nos chama atenção para a cegueira da educação que muitas vezes nega as enfermidades, as dificuldades, os erros, as ilusões, os conflitos e os avanços do conhecimento humano. A esse respeito, Luckesi (1998) colabora afirmando que:

O que desejamos ressaltar é o seguinte: por sobre o insucesso e o erro não se devem acrescentar a culpa e o castigo. Ocorrendo o insucesso ou o erro, aprendamos a retirar deles os melhores e os mais significativos benefícios, mas não façamos deles uma trilha necessária de nossas vidas. Eles devem ser considerados percalços de travessia, com os quais podemos positivamente aprender e evoluir, mas nunca alvos a serem buscados. (LUCKESI, 1998, p. 59).

Luckesi (1998) traz consigo uma ideia de construção do conhecimento científico na vida dos educandos por meio da valorização do erro de forma a torná-lo como uma espécie de trampolim para o sucesso de cada indivíduo. É necessário que o educador agente da construção do *ser emancipado* e *emancipador*, seja crítico-reflexivo sobre o assunto do erro e do acerto. Avaliar o indivíduo nos dias atuais é desenvolver nele, por meio de ferramentas pedagógicas, uma capacidade de elaboração de conceitos e ideologias sobre determinados assuntos, sempre se baseando em pensadores e autores e não ficando somente no senso comum.

Para tanto, a avaliação pela análise da transdisciplinaridade intenta-se em nortear “a construção do conhecimento com a valorização do ser humano e de suas potencialidades de pensar de modo transcendente”, isto é, por meio de uma racionalidade sensível, “capaz de integrar saberes e fazeres, sentimentos e razão” (SANT’ANA, SUANNO, SABOTA, 2017) tudo isso para conhecer e reconhecer o ser humano como agente de transformações.

Sobre isso Pedro Demo (2002) diz:

Assim, a avaliação não pode se bastar com saber quantas perguntas o aluno respondeu certo, mas pretender saber se o aluno sabe perguntar e responder consegue argumentar com alguma liberdade e criatividade, questiona criativamente autores e livros, maneja analiticamente dados, e assim por diante. É preciso substituir “dominar reprodutivamente conteúdos”, por “reconstruí-los criticamente”. Com isso o conhecimento pode avançar e a cidadania também. (DEMO, 2002, p. 65-66)

Uma das aplicabilidades da avaliação da aprendizagem é justamente esse ponto de gerar no ser aprendiz a capacidade de defender suas ideias e seus próprios conceitos, com base teórica e propriedade científica, fazendo com que sua formação não se baseie em conceitos do senso comum, mas sim em pesquisa e elaboração de conhecimento e que esse conhecimento seja transdisciplinar, que perpassa as disciplinas para as transformações por onde este indivíduo estiver.

É também saber contrapor ideias de pensadores e ter a capacidade de elaborar conceitos compatíveis que vão em contrapartida com ideologias já demonstradas em livros e por teóricos. Tudo isso para gerar o verdadeiro conhecimento científico. Esse conhecimento deve ser buscado e incentivado no cotidiano dos educandos em geral, não para uma mera classificação numérica ou de status, contudo para uma melhor qualificação e não quantificação. Sobre essa reflexão Pedro Demo (1996, p. 41) afirma:

Da discussão precedente é lícito concluir que a avaliação dirige-se ao cotejo da qualidade formal e política do processo educativo escolar. O objetivo maior está claro: *avaliação tem sua razão de ser como processo de sustentação do bom desempenho do aluno*. Se este não aprender bem, ou seja, com qualidade formal e política, nada feito! Daí depreende-se que a avaliação há de ser um *processo permanente e diário*, não uma intervenção ocasional, extemporânea, intempestiva, ameaçadora. (DEMO, 1996, p. 14)

Existem inúmeras formas e várias ferramentas de se avaliar os educandos para a transdisciplinaridade, entretanto as essas ferramentas não podem se tornar *armas* que serão utilizadas contra os aprendentes. Um dos verdadeiros papéis do educador é saber definir e delinear qual ferramenta utilizar, para que, seja ela qual for, beneficie o aluno na formação de conhecimento e de emancipação. Saber elaborar bem os conteúdos, dominar a teoria e a prática para que esses tenham respaldo, elaborar um bom planejamento – ponto significativo da Educação atual; são papéis que o educador precisa observar.

Caso o educador queira avaliar ou objetivar conteúdos com os quais possui maior nível de complexidade, tem total liberdade de o fazer, mas deve estar ciente de que isso é somente um instrumento com o qual o principal beneficiado seja o próprio educador, pois fazendo isso ele conhecerá as capacidades de aprendizagem pessoal dos alunos. Mas não deve realizar essa prova ou quaisquer outros meios de avaliação com um intuito simples de fazer testes, mas sim de gerar desenvolvimento crítico-reflexivo e emancipatório.

Considerações Para o Momento

A prática docente vale-se de reflexões, análises e apontamentos. Avaliar o que se sabe e não para punição, é também papel ético e humano. É necessário ponderar que os conteúdos devem estar compatíveis com o nível de habilidades múltiplas de cada um dos educandos. Essas habilidades, motoras, mentais, psicológicas, imaginativas, biológicas, de compreensão, de moral e ética no que diz respeito à carga trazida de casa, emocionais e sociais devem ser levadas em consideração durante o processo da avaliação, lembrando-se de que essas são chaves importantes do uso do professor – com extremo cuidado - em sala de aula e na Universidade e futuras formações. Percebe-se então, que esse processo vai muito além de um instrumento pedagógico somente.

A avaliação da aprendizagem para a promoção da transdisciplinaridade deve ser o cotidiano de cada educador que queira que o desenvolvimento teórico e prático seja parte da vida dos educandos hoje. Não basta avaliar para enfileirar valores ou para aferir notas ou quantidades e até mesmo impor lugares sociais, mas avaliar para gerar um indivíduo capaz e emancipado.

Desta maneira, refletindo uma visão transdisciplinar e transformadora que pelo qual, os professores procuram retirar o melhor de cada aluno buscando o crescimento integral dos mesmos, no qual a escola dá importância ao despertar de valores éticos e morais de todos, o saber é uma construção compartilhada, os processos de ensino e aprendizagem não são lineares, mas emergentes e contextualizados, um lugar onde prática docente é integradora, sensível, criativa e transformadora. (SUANNO, 2013).

ABSTRACT: This article aims to present the theoretical, historical and etymological assumptions of the multiple faces of the evaluation process and their methodological tools, from the perspective of transdisciplinarity, bringing clearly and specifically the scientific thinking of authors of this theme, including educators and academics from teacher training and other degrees. It aims to guide the scientific thinking regarding the evaluation in the perspective of transdisciplinarity. Promote notes on the use of evaluative methods as instruments for the development of the teaching-learning process, aiming to improve the construction of the student's cognitive and reflexive act in a transdisciplinary view. Understanding the learner as a transdisciplinary being is critical. For this, on the assessment of learning will be used authors such as Demo (1996 - 2002), Depresbiteris (1989), Luckesi (2010), Hoffmann (2001 - 2005) with notes and opinions of Haydt (2003) and Ferrari (2006) and on transdisciplinarity will be addressed Suanno (2019), Sant'ana (2019), Sabota (2019), Moraes (2015), Navas (2015) and for complementation and notes, Moran (2000), Masetto (2000) and Behrens (2000).).

Keywords: Evaluation. Transdisciplinarity. Learning.

Referências

DEMO, Pedro. **Mitologias da Avaliação – de como ignorar, em vez de enfrentar problemas**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002. 84 p.

DEMO, Pedro. **Avaliação sob o olhar propedêutico**. Campinas, São Paulo: Papyrus, (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico), 1996. 160 p.

DEPRESBITERIS, Lea. **O desafio da Avaliação da Aprendizagem: dos fundamentos a uma proposta inovadora**. 6. ed. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1989. 91 p.

Dicionário Priberan, concepção do que é dialética. In: **DIALÉTICA**, 2006, São Paulo. Disponível em: <<http://www.dicionariopriberan.com.br/diatetica>>. Acesso em julho de 2019.

ESTADO DE GOIÁS, Conselho Estadual de Educação. In: **RESOLUÇÃO CEE N. 194, DE 19 DE AGOSTO – Nova LDB – Lei de Diretrizes e Bases 2005**. Disponível: <<http://www.cee.go.gov.br/index.php?idMateria=4663&tp=2>>. Acesso em junho de 2019.

FERRARI, Márcio. Cipriano Carlos Luckesi: **O objetivo da avaliação é intervir para melhorar**. Fala Mestre, São Paulo, volume 5, p. 16-19, ago. 2006.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2003. 158p.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 19. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. 248p.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliar para promover**. 10. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005. 144p.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005. 156 p.

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

MORAES, Maria Cândida; NAVAS, Juan Miguel Batalloso (Colab.). **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Campinas: Papyrus, 2015. 191

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2000b.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANT'ANA, Jonathas Vilas Boas. SUANNO, João Henrique. SABOTA, Barbra. Educação 3.0, **Complexidade e Transdisciplinaridade: um estudo teórico para além das tecnologias**. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/1519/992>>. Acesso em: 27/08/2019.

SUANNO, João Henrique. **Escola Criativa e Práticas Pedagógicas Transdisciplinares e Ecoformadoras**. 2013. 297 fl. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília, 2013.